



N.º 12

DEZEMBRO  
DE 1921

PERALTA — 1921

: : MENSÁRIO DE ARTE : :

### SUMÁRIO

- EXÍLIO — por *Julio Brandão*.  
FLORES DO MAR — por *Alfredo Guimarães*.  
DOR E SAUDADE — por *D. Thibaldina R. Motta*.  
O ESCULTOR DIOGO DE MACEDO —  
por *Aarão de Lacerda*.  
VILANCETE — por *Celestino Gomes*.  
SONETO — por *Gallo Fontes*.  
DESENCANTO — por *Leandro Carré*.  
NINHO ENGEITADO — por *Alexandre de Cordova*.  
A HERALDICA DO AMOR — por *Horácio C. Guimarães*.

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA  
DE «A TRIBUNA» — RUA DUQUE DE  
LOULÉ, 108 a 124 — PORTO : : : : :



GRANDES ARMAZENS

— DA —

# ESTAMPARIA DO BOLHÃO

CASA FUNDADA EM 1850

328 — RUA FERNANDES THOMAZ — 348

**PORTO**

TELEFONE, 685

COMPLETO SORTIMENTO DE TODOS OS ARTIGOS  
PARA VESTUARIO  
DE SENHORA, HOMEM E CRIANÇA  
E USOS DE CASA

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

**Adolfo Felgueiras**

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

COMPRA E VENDE LÁS CHURRAS

RUA DE CAMÕES, 233

**PORTO**

MEIAS E PEUGAS



DE FAMA MUNDIAL

**Monito**

TRADE MARK

Vendem-se em todos os bons  
estabelecimentos do Paiz

Depositarios gerais:

**Francisco Lemos-L.** da

Rua do Bomjardim, 270 — PORTO



# HVMVS

MENSÁRIO DE ARTE

DIRECTOR — CELESTINO GOMES

ADMINISTRADOR E PROPRIETÁRIO — TITOLIVIO MOTA  
EDITOR — JOAQUIM PEREIRA

## ASSINATURAS

Ano.....	5\$90	Trimestre.....	1\$50
Semestre.....	2\$95	Numero Avulso.....	\$60

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE S. ROQUE DA LAMEIRA, 2334  
PORTO

NO PROXIMO NÚMERO PUBLICAR-SE-HA:

Colaboração literária de Visconde de Villa-Moura, Pina de Moraes, Abílio de Mesquita, J. Santos Júnior, Hernani Cidade e outros. Colaboração artística de António Carneiro, Souza Caldas e outros.

## DOS NOSSOS COLABORADORES

LIVROS QUE SE ANUNCIAM:

*P'RÁS MOÇAS DA MINHA TERRA* — quadras por António P. Cardoso.

*PAÇOS DO ENCANTAMENTO* — por Narciso de Azevedo.

*DOR E SAUDADE* — quadras por D. Thibaldina R. Motta.

*AMOSTRAS SEM VALOR* — por Afonso de Bragança.

*MAL-ME-QUER* — por Celestino Gomes.

*CONTOS BARBAROS* — por António P. Cardoso.



GRANDE ARMAZEM DE VIVERES

CONFEITARIA E PASTELARIA

**A LUSITANA**

(REGISTADA)

**Velloso Dias & Castro**

RUA FORMOSA, 339 — PORTO

TELEFONE. 878

*Unico deposito no Porto do famoso Pão de Ló de Margaride  
fabricado por LEONOR ROSA DA SILVA, SUCCESSOR*

ESPECIALIDADE EM GENEROS DO BRAZIL, CHÁ E CAFÉ

**Confeitaria Moreira**

R. do Bomjardim, 257

**NATAL**

As melhores frutas doces  
Os melhores champagnes  
Os melhores Licores  
Os melhores vinhos finos  
As melhores Bolachas

**Antigo Armazem  
dos Leões**

DE

**José Joaquim Ferreira**

Casa especial em AZEITES  
das melhores procedencias  
do paiz

VINAGRES FINOS, ALCOOL DESNATURADO, ETC.

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 33.  
(Antiga Santa Tereza)

**A Portugália**

Armazem de Víveres  
Productos de 1.<sup>a</sup> qualidade

265, RUA FORMOSA, 267





CABEÇA DE VELHO

LÁPIS DE JOAQUIM LOPES

GRAVURA DE SIMÃO GUIMARÃES

«HVMVS» N.º 2

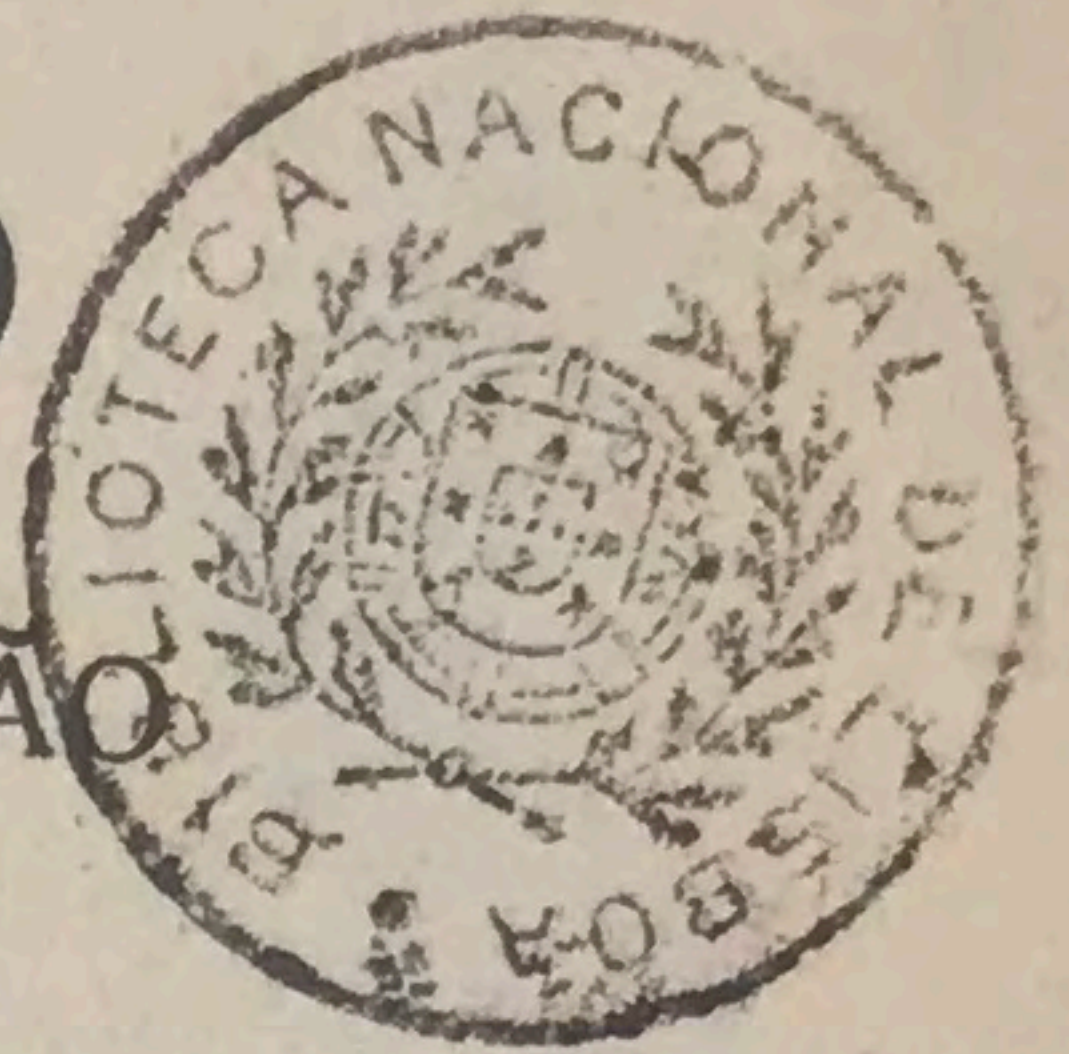


# :::HVMMVS:::



## EXÍLIO

por JÚLIO BRANDÃO



(Júlio Brandão, o brilhante estilista da *Maria do Céu e da Nuvem de Ouro*, dá-nos, neste número, a honra dum inédito seu.)

Essa antiga e balsâmica alepica  
 Que me doirava a alma eternamente,  
 - Repa de amor levada na corrente,  
 E que ainda um doce aroma rescendia -

Voltou de novo agora!... Que magia  
 Ma trouxe ao peito, vaga e redolente,  
 Como se eu escutasse, alvorocecente,  
 O que a tua alma dantes me dizia?

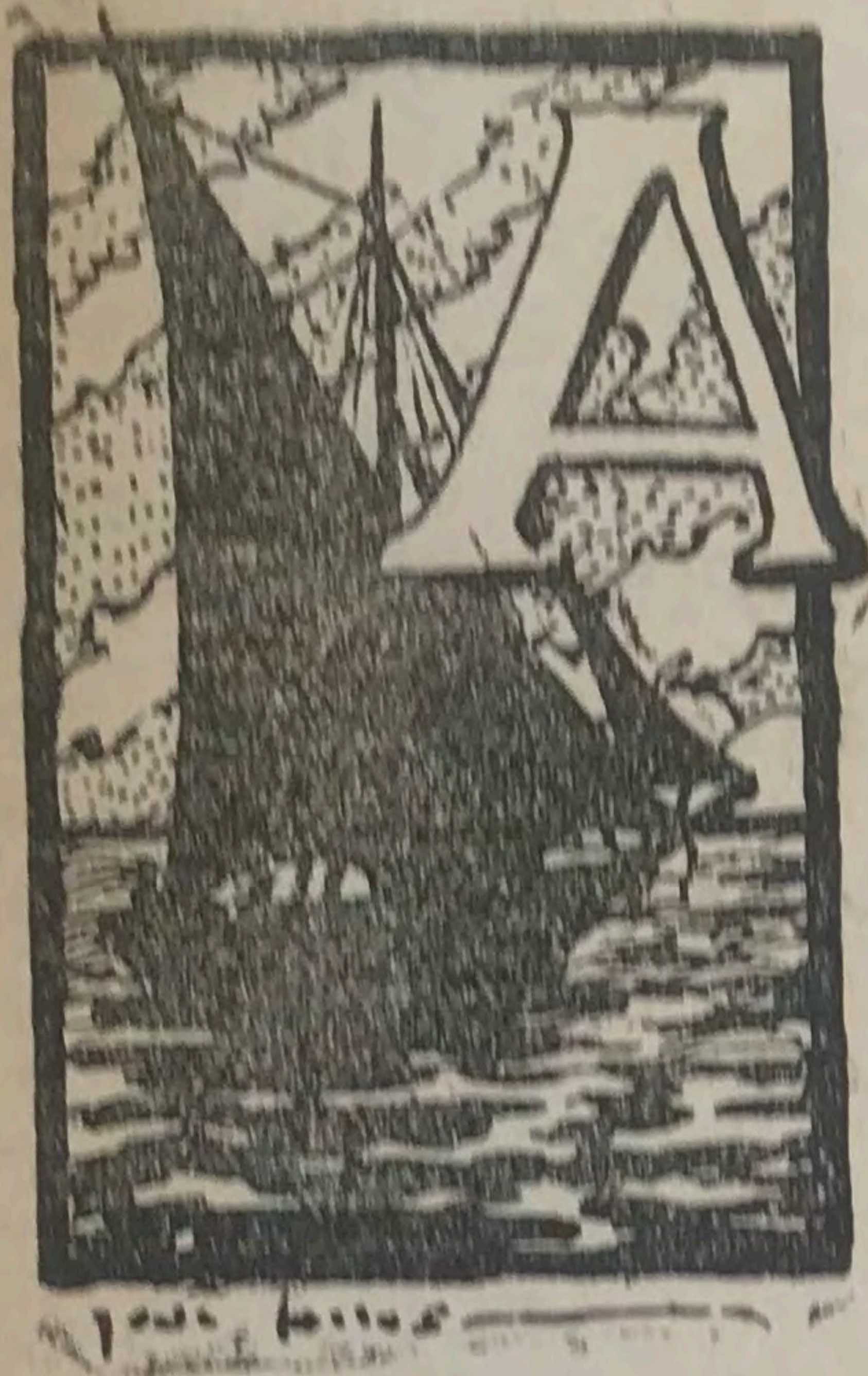
O' solho eterno, eterna estrela de ouro,  
 Esparge ênes teus raios na ansiedade  
 De quem perdeu os passos, nada espera!

Tam certo que só tens um tesouro,  
 Como os deuses em plena soledade:  
 A saudade imortal dum a Quimera!  
 Júlio Brandão



# FLORES DO MAR

POR ALFREDO QUIMARÃES



diligência do José Fulão sai da Povoia de Varzim para Espozende às quatro horas da tarde. O ponto de reunião dos passageiros é a portada da estação do caminho de ferro, e o preço dos logares—creio que antiquíssimo—o de onse vintens por cabeça. À beira-mar há muito o costume de contar tudo, as pessoas, as coisas e até os próprios sucessos, “por cabeça,,. Toca a cinco por cabeça—no leilão do pescado. Sai a seis por cabeça—nas contas da taberna e outras. E até os casos da fatalidade suscitam: “... mas afinal contaram-lhe a cabeça, e foi-se...,, A carripãna, que é uma especie de gaiola amolgada, com resguardos velhos de oleado para o sol ou para os granisos ardidos do inverno pelas terras sempre desabrigadas de abeira-mar, e com dois degraus de trono no tejadilho da fronteira, saiu na minha tarde de viagem, em setembro, com meia

hora de atraso, pelos arredores poveiros além, trotando alegremente na direção de Aver-o-Mar, entretanto que ao longe, envolto pela atmosfera condensada da hora e fronteiro da baía azulada e empoeirada de oiro, o casario de Varzim se ia descerrando, alongando, silhuètando, apartado áquem na vegetação enfezadinha dos campos—como um leque de alva pena que mão entretida fôsse abrindo e mostrando, distraidamente, sob a iluminação alta do sol.

O nosso cocheiro, um ruivo entroncado e sanguíneo, figura propensa às sucias e desordens da tabolagem, chicoteava de fé e inclementemente a burricada, atingindo-a de alto e a fogo sobre os ramalhos sêcos das cabeçadas. Fóra e dentro, o carro, que era para quinze pessoas, conduzia cerca de vinte, unidas “almi-nhas,, por estradas desertas que as não tinham. A proposito: a psicologia do povo do nosso litoral, sob o ponto de vista religioso, tem enganado muita gente. O nosso pescador, que põe nomes de devoção a quási tudo, às lanchas muito principalmente, é o tipo popular de peor fé que conheço, ou seja aquele cuja crença mantém o exclusivo equilibrio da sua conveniência económica. Orgulhoso, interesseiro—se o santo faz o que lhe pede, convem-lhe, é esplendido; se o não favorece, o pescador volta-lhe as costas, quando lhe não parte as vidraças da capela, no auge da revolta. São quási todos, se não todos, assim. Como dizia, a diligência caminhava. Meia hora corrida, num boleio de andor mal equilibrado, passavamos no povoadosito marítimo de Aver-o-Mar. Rimas de sargaço e mexoalho, no formato de pequenas e escuras mêdas, aufraldadas e redondas, faziam o arraial costumado de aquele solheiro lugar de pasmo e monotonia, aberto a prolongar-se, curiosamente, numa extensão de uns centos de metros. Figuras de camponêses, assuiçadas e ajaquetadas, pairavam com os marítimos de blusa de baeta pedrez e



boina negra de Hespanha, entre as pirâmides sujas das algas, o estrume que queriam despejar nas leiras a libra o carro. Foi-se Aver, depois. Metendo para o interior dos campos, entramos pela aldeia verde de Nabais, que possui também a sua curiosidade. — “De Nabais, os melros! Uns cantôres, meu amigo!”, dizia o abade de A. . . meu alegre companheiro de jornada no último andar da carripana. Então, ao mar, que tínhamos perdido de vista, além dos arvoredos, voltamos a encontrá-lo, agora parecia que contente do movimento desenvolvido das grandes áas de borboleta que se lhe voltavam, rodopiando sob o oiro do sol, nas velas claras dos grandes moínhos de vento da praia da Aguçadoura. Adiante, de novo para os campos, pinheirais melancólicos das chuvas rendavam tranquilamente a curiosa luz estival sôbre os ornados floridos das bouças a defenderem-se, selvagens, entre horta e vinha.

Veio depois a freguesia da Estrêla, que é já uma promessa da terra divertida e inquieta das concertinas que vai chegar e se esboça, na distancia baça, acinzentada, da tarde quente, com as colinas da Falperra, que se prolongam por ali até Fão, defrontando o oceano. Eram cerca de seis horas da tarde. Avançamos, deixando atrás a Estrêla, a surgir-nos por fim a Apulia, cheia de moinhos e ondas. Uma verdadeira festa de ano. E aqui, com a devida vénia, declaramos abertas as alegres portas do que é chamado o litoral minhoto — zona de costa que aliaz principia na Foz do Ave, junto de Vila do Conde.

A carripana que de Espozende nos levou a S. Bartolomeu do Mar ia corrida a fogo. Chegamos precisamente àquela hora em que não só a tarefa é mais acesa, como também a luz, alongando das figuras grandes sombras azuis, cambaleia em mosto nos céus, a ter mêdo de adormecer embriagada. . . O mar estoira, corre a traições vertiginosas pela vastidão do areal dentro, e o povilhéu numeroso, entre gritos que recordam a ação de uma batalha, corrimaça, confunde-se e entusiasticamente recolhe a alegria marítima das algas — as *Flores de Maio*.

Quem é esta gente: os homens com tão desconhecido trajar, e as mulheres empunhando uma alfaia toda original?

Esta praia de camponêses tendo os grandes braços abertos, em vivo esplendor doirado, abrange, desde Espozende à Foz do Neiva, quatro paróquias de lavradores e sargaceiros — função simultânea de um só indivíduo — erguendo-se-lhe em terra, ao fundo, a muralha de uma cordilheira bravia, o gume de que se cortam, voando mais alto e longe, os rudes ventos de nordeste. Entre o mar, a praia, a duna imensa d'além, a montanha ardida de penhascal e urze, ladeando afoitamente uma estrada corrida e leve como passadeira de lã cordeirinha à que os campos de lavradio se instalam e desenrolam, donde a dois passos de caminho, sem a ligeira saudade de perder de vista a habitação, ao sargaceiro a rabiça do arado, para que fecunde a leira, e ao lavrador o desafoço do “redenho e da gravata”, para que, em horas folgadas do afazer agrário, recolha o sargaço, alimento a terra e desenvolva as rendas.

Assim vêmos que o indivíduo da mesma zona — em S. Miguel das Marinhas, S. Bartolomeu do Mar, S. Fins de Belinho e S. Paio de Antas — dá as folgas do campo no mar e deixa as praias sempre que o reportório lhe impõe, pela influencia das luas, trabalhos de várzea, horta, latoeiros ou pomar.

Esta labuta, comum no minguo espaço de um dia e que durante o ano tão freqüentemente se repete, impõe apenas ao lavrador — ao homem que não à mulher — duas obrigações rigorosas, quási sejam as de mudar de vestuario e de alfaia.

Para a sargaçada levantam-se das barracas de pinho pixeladas e construídas sôbre a areia dos pieiros, a rêde de saco do *redenho*; o ancinho enorme, de vinte e seis dentes de ferro, que é a *gravêta*; a padiola espaçosa e forte, a que usa



chamar-se *carréla*; e o carro de bois, com caniçada de verga ornada em verde, a que costumam apensar-se os cestos fundos e negros, das cargas.

Nu, desprovido de todo o vestuário que usa nos campos, o lavradôr transforma-se em sargaceiro vestindo sôbre a pele extrema uma sobrecasaca de flanela branca, abotoada a todo o comprimento, denominada *branqueta*. Ao redor da cintura — em precalço pela desvergonha das ondas — afivela, sôbre as pregas folgadas do vestuário, um cinturão de bezerro cortido. Na cabeça — como a tarefa é aguentada ao sol — embarreta o capacête de oleado ou a carapuça de trança. E está ao fim o sargaceiro paramentado. Dispondo-se para o trabalho, prefilam-se-lhe as pernas, mas até meio; e a cabeça, essa levanta-se-lhe com graça sôbre a gola abotoada da branqueta. E ele aí vai divertir-se com as ondas, entretanto que ergue, correndo pela praia dentro, os dentes afiados e reluzentes da gravêta armada numa vara de carvalho.

Mas as mulheres, as cantadeiras mulheres de por ali, a passar, para o trabalho de ajudas, sobem na faxa as saias de sirguilha, aligeirando as pernas. Contra o sol, que na praia arde por vezes como caustico, desabam, em redor da cabeça atri-gueirada, os grandes chapéus de palha, comuns da lavoura e do areal. Há contudo uma figura que se torna indispensavel fixar aqui. É a velhota da praia, restos de uma enorme geração tradicional, que, sôbre não esquecer o còstume da sua fieira de contas de oiro ao pescoço e o uso do chales preto dobrado e trespasado sôbre o peito, não abando-

nou ainda a graça do seu chapelinho de pasta escura, com fita de veludo caindo em duas pontas para traz, tendo na dianteira, entre folhas de palhão doirado, o espelho de narcisar, dentro de uma ovalada muldura de latão.

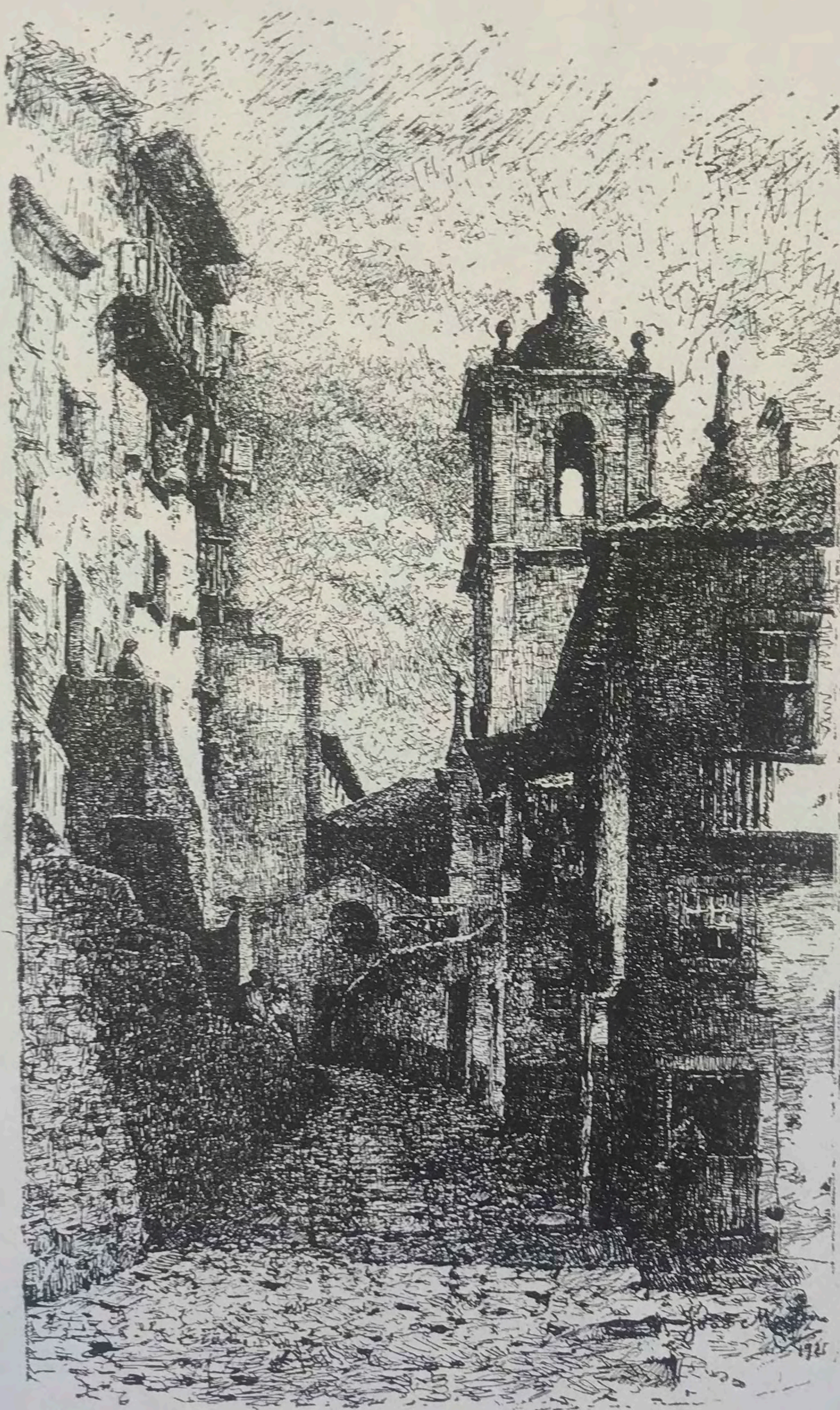
Bem haja a velha, com os seus arrebiques.

E todo o céu descia, anda de mosto envolto numa nevoa de carvão, aqui e além aberto em fogo, como de uma ornamentação a grandes cabuchões. Para o Oriente devem existir mantos de reis que imitem a faustuosidade destes espaços



GRAVADO EM MADEIRA  
DE—ANTÓNIO VARELA





UMA RUÉLA DO PORTO

DESENHO À PENA  
DO DR. JOÃO MONTEIRO

GRAVURA DE SIMÃO GUIMARÃES  
«HVMVS» N.º 2



embebidos de mistério e a amedrontar, parece, a inquietitude nervosa das águas. De todo o sol moço de um dia só uma aresta restava, a distancia; e mal que esta dura lampejante, aviso porque os céus se acinzentaram, se tornou fria a aragem e, com mais impeto, cresceram da cauda longa das águas os grandes cavalos da espuma que violentamente se erguiam, rugindo e partindo na arena imensa da praia.

Restava contudo a azafama da sargaçada, qual fosse braza que do sol ficasse ardendo e alegrando ainda.

Carros de bois, enjugados, formavam à retaguarda distante da campanha, fixos de sombra como bronzes, com os animaes estremecendo ao acrescentar continuado das cargas, as algas a babarem do alto dos caniços para os eixos — a instantes, como pirilampos, argentadas de fosforo e exalando um aroma forte, de iodo, que impregnava o ar. Empilhados, alguns partiam, em carga morosa que fazia gemer a eixaria entre os *cócões*. Já na estrada outros choravam, ao longe, subindo ou descendo, com a melancolia que poem estas queixas dos carros pelos caminhos ou nas estradas sem ninguem. E outros muitos, ainda, esperavam que se feirassem os sargaços, no combate dos apreços, para poderem empilhar e abalar depois, com o mesmo destino.

Para além dos carros, a meio da praia, corriam então as cargas das carrélas, dos cêstos, dos canastros, despejando-se em montões sôbre a areia florida de cardos ou subindo com esfôrço até ao acampamento das carretadas.

Eram as figuras, cortando com pressa para todas as direções, como que um resurgimento, a horas intermedias do dia e a noite, de uma legião activa de romanos, exhibindo os seus saios de flanela, os seus capacetes de oleado, as suas lanças gigantes de carvalho.

Gente desobrigada, com a tarefa e o ganho feito, descantava ao harmonium, recostada sôbre o casco das embarcações.

A distância, choravam ainda os carros em caminho — voz de saudade que o arraial da praia mal recordava, confuso e bulhento.

E logo depois, na descida, era como que um primeiro plano de scena.

Erguendo-se, os "ursos brancos," — o povo assim designa as ondas — armavam para o sargaceiro a sua garra mais forte, com que podessem prende-lo.

Sucediam-se os levantamentos e as explosões, e a meio, negro e miudo como um mosquito inteiriçado pelos nervos que se atravessasse a vencer a magestade de um monstro, o sargaceiro, erguendo a gravêta, avançava para as ondas, que abatiam a uma força brutal de águas desapegadas, maguando-o e envolvendo-o numa lucta desigual com que ele apenas ganhava o partido de ficar de gravêta armada para o arrebanho immediato das algas que as ondas porventura trouxessem vestidas.

A cada bloco da água descarregada, gritos altos, de estridência árabe, erguiam-se, em unisono, a emprestarem coragem aos maritimos.

Pelo aspirar da resaca de cada onda, mulheres destras, de saia sumida por entre as pernas fortes, curvavam-se a carregar para os cestos ou para as carrélas a farta colheita provinda.

E a lucta ia por vezes aos extremos do perigo, jangueirando o sargaceiro pelo costado das ondas e arremeçando-o de novo, como um brinquedo, ao areal.

O figurão, mal que batia na praia, erguia-se como ao impulso de uma mola oculta, manejando de continuo uma nova gravêta, e certo de que o mar lhe traria, passado instantes, a ferramenta perdida.

Para o desengulhar das surpresas mais duras rondava a praia a infusa com vinho verde.



Os do harmonium cantavam. Ondas, com mais bravura, erguiam-se numa pulverisação de nevoa argentada. E foi então que olhando o céu, pelo aviso de um campónio, descobri uma lua outoniça e cheia, disfrutando a praia.

—É que pelas luas novas e cheias as marés vem prenhes, de onde resulta as sargaçadas serem maiores!

*si confirmam*

## DOR E SAUDADE

DE D. THIBALDINA R. MOTTA

Quantas saudades levaste,  
Meu amor, junto de ti...  
Aqueles que me deixaste  
Quiz traduzi-las aqui.

Cabelos negros de moiro  
Da lendária esp'rança minha,  
O teu brilho, meu tesoiro...  
Riqueza tão pobresinha.

Na teia dos sofrimentos  
Enredei meu coração.  
Tecedeira de lamentos,  
Como foi tal distração?

—Ó travesso moleirinho,  
Quem te ensinou a cantar?  
—Foi a pedra do moínho,  
Foi a luz do teu olhar.

Negras capas ondulantes,  
Ó vélas de tempestade...  
Na alma dos estudantes  
Quanta dôr... quanta saudade.

S. João também guardou  
Rebanhos côr do luar,  
Foi pastor e não amou...  
Tinha mais em que pensar!

No sonho da minha vida  
Existe um bem que pranteio:  
A saudade enlutecida  
Na dôr que trago no seio.

Deixa que a alma se eleve  
Numa toada d'amor;  
O pranto assim é mais leve,  
Sofres menos, trovador!

Ó pastorinhas morenas  
Das serras de Portugal,  
Vossas cantigas são penas  
Quando vos foge o zagal.

Negra sombra do passado  
Porque despertas em mim?  
Julguei o fel esgotado  
Mas a taça não tem fim.

*Thibaldina R. Motta*



# O ESCULTOR DIOGO DE MACEDO

POR AARÃO DE LACERDA

( Conclusão )



Ali revivi impressões de Paris, da arte que lá vira tumultuante, sem formalismos, exalçada pelo novo romantismo entendido à maneira de Berthelot: êste novo romantismo não é o de escola, não é aquele que entre nós houve quási restringido á prosa e ao verso; é um movimento de almas alimentado pela hipersensibilidade, não se baseando só nas mesmas razões estéticas do primeiro que se caracteriza por uma definição própria na história da literatura.

Êsse conjunto de obras reunido naquela sala tanto ao acaso, sem acomodação especial, foi-se valorizando, aumentando, porque Diogo

durante esta época trabalhou muito, não se afastando nunca da sua personalidade, da sua maneira inconfundível. Nas exposições de Lisboa e Pôrto, o seu nome destacava-se sempre pela intropatia que dominava nas suas esculturas, nas suas imagens sombrias que pareciam beber todas pelo mesmo cálice de amargura. O artista buscava para motivos faces maguadas, almas tormentosas, onde só o drama vivesse, e envolvia-as de uma luz sinistra, luz que parecia nascer da própria obra, estivesse ela sob a plena claridade do dia, pairando sempre, clamidizando os seus bustos da *humilde vida heróica*.

Não desejava esquecidas as palavras que Diogo publicou à maneira de prefácio no catálogo da sua exposição, em 1918, no Pôrto; e assim elas aí vão transcritas para mais se não perderem, tanto valem como depoimento do seu espírito :

«Tendes diante de vós, dois mármores velha-escola; alguns bronzes extranhos; gessos e barros diferentes. Túmulos, linhas, expressões e harmonias. Mais um Camilo misterioso; uma mulher esguia de mãos cruzadas; uma figura toda linhas de fuga; um Santo Antero da Dúvida; paroxismos dum Pierrot; arestas; dôres; esgares; sinfonias; sombras; côres...

«Mas — direis — tudô esboçós!»

É que eu sinto demais para definir em perfeições méramente técnicas. Se eu tivesse um escravo mandá-lo-ia acabar as minhas obras. É mais fácil polir um mármore que um espírito.

A diversidade parecer-vos-à desarmónica. Engano. A escala dos sentimentos é infinita. Rimos e choramos, amamos e odiamos, dentro duma mesma hora. E, no entanto, nada mais harmónico que os sentimentos humanos!

É que eu não concebi esta exposição no mesmo minuto, nem a executei na mesma hora. Mudando-se a luz, mudam-se as sombras.

Ai tendes côres de esquecimento e fórmulas de vida. O resto são notas duma música que ouvi aos bocados.

No meu atelier não tenho teorias nem gramática. Tenho barro e... alma».

Não devia isolar êstes períodos do estudo da sua obra: êles são o seu mais interessante e vivo comentário. Foi nesta altura, e na primeira página dêste



mesmo catálogo que Diogo recordou, como uma honra para si, o ter sido «discípulo do Mestre Teixeira Lopes». O novo cheio de independência, de insubmissões, senhor de um temperamento bem marcado, aproveitava o momento da sua exposição para oferecer ao Estatuário, seu Mestre, a mais sensibilibante homenagem.

Diogo de Macedo apareceu aqui no Pôrto olhado como um incompreendido, um dissidente altivo, e, o que é peor, para alguns, um escultor *chercheur d'originalité*. Raros acolheram êste artista, tão do nosso tempo, que fugia á rotina pela sua audácia e pelo seu talento original. Acusado ainda de fazer literatura, de trabalhar pouco as obras, Diogo, apesar de tudo, não esmoreceu e seguiu sempre a mesma directriz, ouvindo-se apenas a si próprio e a alguns espíritos que o estimavam.

Escultor do patético, êle procura predominantemente apoteizar a Dor: desta forma nasceram o seu *Beethoven*, o gênio da marcha fúnebre à morte de um herói; o seu *Camilo*, o dramaturgo do *Anátoma* e do *Amor de Perdição*, busto cavado por sulcos profundos, exprimindo para a eternidade aquele que foi dos nossos maiores humoristas, dos mais implacáveis irreverentes, submerso e arrastado numa levada de desgraças; a sua *Alma Doente*, bela cabeça de crucificado que daria no mármore uma obra prima; e o seu *Ultimo Antero*, emergindo de sombras, quási espectral. E' esta, talvez, a maior escultura de Diogo, condenada a desaparecer, a esboroar-se pela fácil consumpção do barro, sendo urgente cinzelá-la num bloco de Carrara onde ganharia em alvura e em translucidês.

Ouvi dizer a muitos que êste busto não era exacto, que estava longe de ser o verdadeiro Antero rememorado pelos retratos. Mas Diogo, segundo penso, não quiz dar o Poeta verdadeiramente existente, mas sim o seu vulto transfigurado pela grandeza dos Sonetos, afastado da materialidade para nos aparecer quási em visão, heroisado, imanente, vago no sonho e na distância do mundo que vivemos.

Diogo olhou Antero na sua realidade mais profunda, invocando o Poeta que encontra a imperfeição em tudo quanto existe, o Cavaleiro a quem se abriram as portas de ouro do Palácio da Ventura para apenas lá encontrar o silêncio e a escuridão; o Caminhante que teve por guias derradeiros a Dor, o Tédio e o Desengano, e que ouviu no termo da viagem o verbo gelado da morte...

Altas horas da noite, o Inconsciente  
Sacode-me com fôrça, e acordo em susto.

.....

Nada! o fundo d'um poço, húmido e morno,  
Um muro de silêncio e treva em tórno,  
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

.....

Por ti me engolfo no nocturno mundo  
Das visões da região inominada  
A ver se fixo o teu olhar profundo...

O escultor cria uma nevrótica dramatização nos *Cantos místicos da penumbra*: três imagens dolorosas, enleadas com ternura, entoam frases soturnas, tão tristes e desesperadas que me lembram a *Chanson des Amoureuses* de Rollinat:

Nos soupirs s'en vont dans la tombe  
Comme des souffles dans la nuit

.....  
.....



Tout prend son vol et tout retombe,  
 Tout s'enracine et tout s'enfuit!  
 Nos soupirs s'en vont dans la tombe  
 Comme des souffles dans la nuit;

C'est toujours la mort qui surplombe  
 Le nouvel amour qui séduit,  
 Et pas à pas, elle nous suit  
 Dans la volupté qui nous plombe.  
 Nos soupirs s'en vont dans la tombe.

Elas caminham para nós quando olhamos fixamente as suas órbitas que se abrem no marfilíneo das faces como cisternas onde jaz estagnante uma dor imensa. Na galeria dos seus doentes de ideal, passa Pierrot, o triste, uma composição *beaudelairiana*, condenada também a desaparecer na fragilidade do barro; e outras figuras com perfis de sofrimento: a virgem da *Noite do Calvário*, a estatueta da *Voz da Saudade*, a *Nova Sphinx*, contorcionada quasi como a *Cariátide* de Rodin sob o peso dos enigmas.

Diogo vive insaciável de perfeição, e hoje, como ontem, estuda e cria, sem se intoxicar com as vesânicas e paranoicisms transitórios que à sua volta pululam.

Êle tem obrigação de não abdicar e seguir sempre para diante *trabalhando muito*, procurando cada vez mais a realização do *definitivo* no mármore eternizador.

Maria Peregrina, a super-sensível que Vila Moura descreveu na *Nova Safo*, afundada no mar de sensualidade, vivendo instantes de dor-prazer, espera do escultor o monumento maior à sua *elegia da morte*:

«Creio na vida eterna pelo amor. O amor fundiu em mim-Deus, Perversão, Desgraça...  
 O Bem e o Mal deram a figura que sou-um bronze de sentimento...»

As páginas do grande romance contem o retrato da *Artista Louca*, "circunvalado de sombras," e Diogo será bem o intérprete dessa torturada que vive paradoxalmente o céu e o inferno, a pureza e o desvario dos sentidos.

O escultor que raras vezes foi bizarro, como no estudo extático *Bailados Russos*, manifesta bem claramente em tôdas as composições o seu estilo, ligado por afinidades de temperamento a Rodin e a Carrière, génios julgados erroneamente tão diferentes, mas em intrínseco tão próximos e tão irmãos que Mauclair escreveu a seu respeito: "Carrière et Rodin sont le Janus d'un même rêve," acrescentando que o primeiro esculpia em sombra, e o segundo pintava em mármore. Diogo procura também dar mais amplidão à superfície das suas imagens, consegue envolvê-las por aquela *zona radiante* tão característica em Carrière. Nas suas esculturas, áparte as que êle chama da velha escola, em que há a minúcia técnica, a perfeição e a meticulosidade, notam-se com flagrância as *linhas significativas*, os traços psíquicos, fundamentais, a acentuação funda dos contrastes a sobrelevar superfícies. Êle olha o modelo, não o copia.

Diogo está novo: tem, parece-me, trinta e um anos. A sua vida como artista ainda é breve, havendo diante de si muito tempo para criar e esculpir os seus mármores.

Os espíritos, como o seu, verão lucidamente que a frase acima transcrita de Renault encerra em grande parte uma salutar verdade: "le génie n'est qu'une longue patience," Rodin foi consciencioso e lento no seu trabalho, e daí a eternidade dalgumas das suas obras. E o que se diz de Rodin, diz-se de Bourdelle, de Claudel e de todos os artistas, incluindo os compositores.

A *fumisterie* dos indolentes e dos improdutivos é efémera e contingente. A improvisação não é tudo em Arte: Chopin, ficou na história da música como um dos maiores repentistas; pois poucos como êle trabalhavam e desenvolviam tanto um tema nascido num momento de inspiração.



## VILANCETE

DE CELESTINO GOMES

MOTE DO AUTOR:

Tristezas, mágoas sem fim,  
amor que esp'rança antes fôra,  
me deu vosso olhar, Senhora!

VOLTAS:

Como onda que o vento empóla,  
que se ergue e engrossa espumando,  
e passa a vida chorando  
sem quedar, róla que róla;  
sina de pobre de esmola  
que a ventura jámais doura,  
me deu vosso olhar, Senhora!

E' que a minh'alma é uma onda  
de sofrimento, também,  
batida em vosso desdém,  
sem que um eco lhe responda...  
quando, p'ra acalmá-la, bonda  
a luzrisonha de aurora  
que tendes no olhar, Senhora!...

*Celestino Gomes*  
*1914*

## SONÊTO

DE HORÁCIO GALLO FONTES

Amores! Amores! Noivados de amargura  
P'ra quem tiver a sina de ser triste!  
— Ai! Quanta vez o nosso olhar procura  
Ver pranto e dôr onde a alegria existe!

— Que nisto de alegria ou de tristeza,  
E' sorte de nascença, é um quebranto!  
— Uns, afogam a rir o que lhes pesa,  
Outros trazem o riso feito pranto...

E em amores é tão certo o meu fado!...  
Nosso Senhor m'ô leve bem levado,  
Nalgum dia de inverno bem ruim,

Por ares e ventos, pelo mundo além!...  
— Amores — horas de riso para alguém...  
— Amores — horas de dôr só para mim!...

*Gallo Fontes*



sendo tan diferente a nosa posición; así que o mellor é alugarmos unha casaña, toda branca, ridente coma o noso querer feliz, que mobiliaremos coquetonamente convertíndoa num niño de amores...

Ante aquelas palabras, Xulia sentiu un atordoamento horrible que lle barreou o sentido, e estalou en choros, en saloucos que a afogaban. Despois quedou debuzada no sofá, ofegante, sen ver nada, sen comprender nada senon aquel terrible engano, aquela traición infame de que fora ouxeto.

En valuto o noivo pretendía facela acougar falándolle do seu grande e verdadeiro cariño, que endexamais a abandonaría... hastra que cansado da inutilidade do intento foise adormecendo apoltronado nunha butaca.

Xulia ergueu-se por fin, viu o noivo dormido, e sentindo un inmenso terror, un grande noxo, que se adonaban d'ela, abriu á modiño unha vidreira e descolgou-se para fora. Despois correu espavorida á través da campía, co desexo de voltar á sua vella casaña na rua solitaria, da que en mal hora fuxira enganada polo finxido querer d'un señorito vil.

*Leandro Carre*





# DA HERÁLDICA DO AMOR

POR HORÁCIO DE CASTRO GUIMARÃES



João Carlos

O sendal duma lança — bordado paciente de iluminura antiga — êste braço singelo:

Sôbre o fundo vermelho dum coração português, a azul e oiro, uma Saudade e um Beijo...

E evoco as brancas mãos bordadeiras da menina castelã, em tardes calmas de lenda medieval. O trabalho, quási pronto, cai-lhe do regaço e ela fica-se numa esperançada certeza, a espreitar a volta dos caminhos, por onde Deus lhe há-de trazer de nôvo, o Senhor donatário de tôdo o seu sentir...

Mas não voltou, por certo, o môço cavaleiro, porque o sendal bordado não tem sinais de sortidas e conta-nos às vêses, em voz de segrêdo, uma história de lágrimas, de sangue cristão e alfanges moiriscos...

Beijo e Saudade! Duas imagens veladas, que veem de longe, num gesto brando de graça helénica!

Atitudes vagas, reflectidas nos vitrais do meu Silêncio, numa devoção piedosa de coloridos virgens...

O Beijo nasceu nuns lábios alongados, que se enlaçaram noutros lábios, desenhando um bercinho...

E depois o Beijo foi cavaleiro-andante, correndo o mundo, de bôca em bôca, em torneios "pela sua dama",!

Por fim, veio a morrer num crepúsculo de volúpia, da febre dum desejo, na sua Torre de Coral.

E então dêsse Beijo nasceu o Amôr, à luz ondulante duma Saudade nova, num ritmo de choro!...

Pôrto, 1921.

*Horácio de Castro Guimarães*



# NÓTULAS

## AS EDIÇÕES DA HVMVS

Está posto à venda já, nas livrarias, o primeiro livro editado pela HVMVS, *Dôr e Saudade*, pela nossa ilustre colaboradora D. Tibaldina Mota. HVMVS, no intuito de alargar ainda mais a sua acção de publicidade, vai brevemente iniciar a publicação duma série de novélas, saíndo uma por mês, ao preço módico de 40 centavos cada exemplar.

Aquêles senhores assinantes que desejem possuir estas publicações, é fineza enviárem desde já os seus pedidos, para serem satisfeitos em primeiro lugar.

**O nosso primeiro número.** — Pelo motivo de se esgotar rapidamente toda a tiragem do nosso primeiro número, vamos fazer dêle uma segunda edição para satisfazer um grande número de pessoas que nos têm dirigido pedidos nesse sentido. Eguamente avisamos os nossos ex.<sup>mos</sup> assinantes que queiram possuir esta 2.<sup>a</sup> edição, do primeiro número da HVMVS, a fineza de no-lo participarem desde já.

### A NOSSA COLABORAÇÃO

Em próximos números, HVMVS publicará:

Colaboração literária de: — Dr. Aarão de Lacerda, Abílio de Mesquita, Alexandre de Córdova, Alexandre de Médicis, Alfredo Guimarães, Alvaro Delmar, António de Cértima, Dr. António Ferreira, Dr. António de Magalhães, António Pereira Cardoso, Celestino Gomes, Conde de Sabugosa, Cristiano de Carvalho, Eugénio Carré Alvarelos, Dr. Hernani Cidade, Horácio Guimarães, Dr. João de Barros, Júlio Brandão, Dr. Júlio Dantas, Leandro Carré, Dr. Leonardo Coímbra, Narciso de Azevedo, Pina de Moraes, D. Tibaldina Mota, Titolívio dos Santos Mota, Vaz Passos, Dr. Visconde de Villa-Moura, e outros.

Colaboração artística de: — Abelenda, António de Azevedo, António Varéla, Cristiano de Carvalho, Diôgo de Macedo, Gonçalo Pacheco Pereira, João Carlos, Dr. João Monteiro, João Peralta, Joaquim Lopes, Leal da Câmara, D. Lídia Ferraz, Maurício de Almeida, Octávio Sérgio, Pelayo, Teodoro Craveiro, Tomaz Costa, e outros.

Colaboração musical de: — Dr. Aarão de Lacerda, Armando Leça, Hermínio do Nascimento, Manoel de Pinho e Melo, Raul Casimiro, e outros.

**Inéditos dos poetas mortos:** — António Nóbrega, Gomes Leal, Dr. João Penha e Dr. Manoel Laranjeira.

**Inéditos de Adolfo Rodrigues e Soares dos Reis.**



# ANTONIO THIAGO PEREIRA

MODAS E MIUDEZAS

TECIDOS DE NOVIDADE

— E —

ARTIGOS PARA BORDAR

ARTIGOS PARA CONFECCÃO  
DE VESTIDOS  
E CHAPEUS

O RETROZEIRO

Sempre novidades  
em guarnições, rendas,  
fitas, sedas, veludos, gazes.  
Panos brancos, forros, meias,  
lenços, etc. Grande sortido em pelerines.

ARTIGOS DE FANTASIA

PERFUMARIA E GRAVATARIA

PORTO-397, Rua Fernandes Thomaz, 397-A

*V.ª Ex.ª e de fino gosto?*

Use as creações da

chapelaria  
**Mendes Corrêa**

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS "BORSALINO."

PORTO-  
273-R. SÁ DA BANDEIRA. 277- < EM FRENTE À SINGER >

PEROLA DA CHINA

P. CARLOS ALBERTO, 26

A CASA QUE MELHOR CAFÉ  
E CHÁ VENDE

ARTIGOS DE MERCEARIA FINOS

PREÇOS SEM COMPETENCIA



# SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

---

FABRICAS EM:

LISBOA - PORTO - POVOA DE  
SANTA IRIA - CARAMUJO  
BEJA - BARCELOS

---

FARINHAS

SEMEAS

BOLACHAS

BISCOITOS

MASSAS

FILIAL NO PORTO:

Rua Santos Pousada, 338

— PORTO —